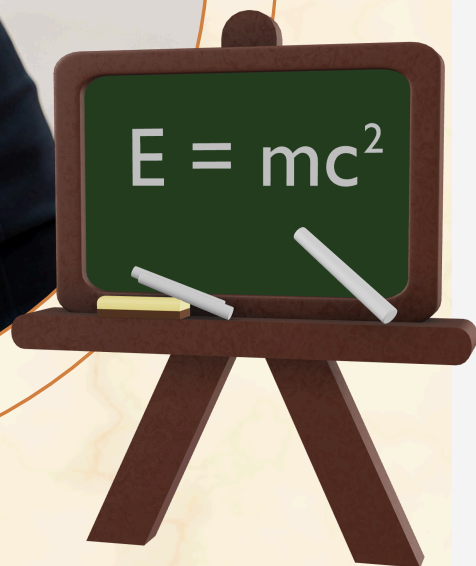
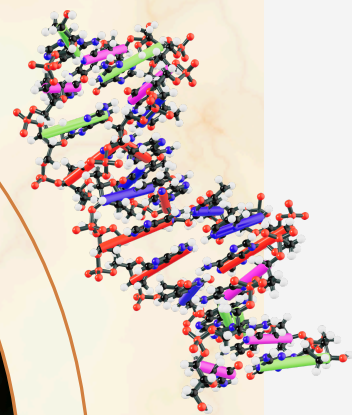


REVISTA CICEP
EVOLUÇÃO

ABRIL DE 2026 V.5 N.4

DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/04/2026



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 04

Abril 2026

Publicação

Mensal (abril)

SL Editora

Rua Iru, 27, casa 6 – Vila Formosa - 03363-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Luiz Cesar Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 5, n. 04 (2026) - São Paulo: SL Editora, 2026 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/04/2026

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO NA ESCOLA

VAGNER SILVA MAIA..... 04

AFROBETIZAÇÃO ECOÉTICA: PRÁTICAS DOCENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E SUSTENTÁVEL EM 2025

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS 24

COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO NA ESCOLA

VAGNER SILVA MAIA

RESUMO

Ao analisar a literatura sobre os conteúdos tradicionalmente desenvolvidos na Educação Física Escolar, verificamos que a sua maioria é composta por atividades competitivas, mas já há uma tentativa de adaptá-los como os Jogos Cooperativos podendo ser utilizado uma alternativa de conteúdo ou estratégia nas aulas de Educação Física Escolar. Vários autores como Brotto e Orlick apontam que um ambiente demasiadamente competitivo pode ter repercussões negativas na formação da personalidade de crianças. Nessa atual conjuntura propomos os Jogos Cooperativos como uma conjetura possível nas aulas de Educação Física, para construirmos uma nova perspectiva para a competição e uma Educação Física significativa para nossos alunos.

Palavras-Chaves: Jogos Cooperativos; Educação Física Escolar.

1 - A questão da competição e cooperação na sociedade

A sociedade atual passa por diversas mudanças, criando novos cenários, cada vez mais individualistas e competitivos. A capacidade de se destacar individualmente sendo o mais eficiente, o melhor, torna-se importante no mercado de trabalho. Parece que os trabalhadores são capazes de fazer qualquer coisa para obter vantagens. Sendo valorizados e reconhecidos pelo que conquistam e não por sua participação no processo.

O indivíduo é valorizado por suas capacidades em detrimento aos demais, os fins justificam os meios, ou seja, dá-se pouca importância para os métodos utilizados para a sua conquista, mesmo que para seu sucesso tenha que prejudicar outras pessoas. Congratulações como “destaque do mês”, “vendedor mais eficiente”, “artilheiro da competição”, “melhor goleiro”, entre outras; resumem esse espírito exacerbado pela competição.

O desenvolvimento da sociedade capitalista, pautado na competição exagerada para o crescimento de mercado, tem gerado situações desafiadoras de autossuperação. Portanto, como encontrar o equilíbrio nas relações humanas?

Para Brotto (2002), competir ou cooperar fazem parte das relações humanas e estão no ápice de muitos estudos como por exemplo: a Antropologia, a Psicologia e a Educação Física.

No continente americano, encontramos intelectuais como Orlick (1989), Brotto (2001) e Brown (2004) que perceberam que muitas das respostas almejadas pela humanidade, para a solução de problemas comuns como corrupção e suborno, podem ser encontradas nos estudos envolvendo os Jogos Cooperativos. É o caso da solidariedade, espírito de equipe e ética.

Um dos problemas emergentes passa pela questão das interações humanas. A competição e a cooperação, que se relacionam no dia a dia de todos dentro de uma sociedade cada vez mais exigente, parece provocar uma obsessão generalizada. Onde impera o senso comum de que a única solução é a competição a qualquer tempo e custo. Seja para uma promoção, um aumento de salário, uma mudança de emprego, boas notas na escola, status, poder ou o que for.

Até nas situações mais corriqueiras do dia a dia as pessoas parecem estar sempre mal-humoradas e apressadas. Quando caminham não respeitam ninguém, nem mesmo os idosos. “Temos competido em lugares, com pessoas, em momentos que não deveríamos, e muito menos precisaríamos. Temos agido assim, como se essa fosse a única opção” (BROTTO, 2001, p. 63).

No contexto esportivo, onde a competição é extremamente valorizada, algumas frases surgem com frequência. Frases populares como “o segundo colocado é apenas o primeiro dos últimos” ou “o vice-campeão nunca é lembrado” traduzem os princípios e os objetivos excludentes desta concepção no esporte. A necessidade da vitória a qualquer custo passa a imagem de que o jogo é constituído deste único objetivo.

Ser o segundo ou o terceiro não interessa quando o foco é a competição. Não se leva em conta o processo pelo qual o atleta chegou ao pódio, mas sim de que houve alguém melhor do que ele na história.

E muito menos aqueles que de uma certa forma participaram da competição para que no final tivesse esse vencedor, mas vale sim aquele que foi o campeão no qual ultrapassou todas as barreiras para chegar em seu objetivo que é a vitória, mesmo custando o fracasso dos outros.

Essa construção equivocada de valores é comumente representada nos esportes de rendimento. É o caso dos Jogos Olímpicos que oferecem louros da

vitória como uma série de três medalhas: ouro, prata e bronze. Diferentes e com valores distintos. Este modelo de premiação, além de valorizar apenas o primeiro colocado, transcreve o espírito excludente que constituem esses jogos.

Os outros atletas que se esforçaram da mesma forma para participarem da competição acabam sendo esquecidos e desvalorizados. Como consequência, deparamos frequentemente com acusações e calúnias. Manifestações do desejo pela vitória a qualquer preço. Denúncias de corrupção, suborno, manipulação de resultados, utilização de *doping*, entre outras artimanhas. A necessidade de ser o primeiro tornou-se uma verdadeira obsessão. No esporte os métodos ilícitos são bastante comuns. O doping, carregado de substâncias proibidas, é utilizado para se obter vantagem. Sendo altamente prejudicial ao organismo.

Percebemos que alguns atletas, que deveriam ser sinônimos de saúde, acabam colocando suas vidas em um perigo iminente quando usam drogas. Doenças de diversos tipos. Principalmente as relacionadas com o câncer e a impotência. Vemos esta situação estampada também em outros cenários. Políticos do mesmo partido que não se entendem pela disputa de poder. Emissoras de TV que trocam acusações em busca de audiência. Ídolos do esporte que se criticam em público. Familiares que rompem relações por conflitos diversos. Funcionários da mesma empresa que não se relacionam e não produzem o esperado porque estão competindo entre si. Certamente os exemplos estão por toda à parte.

Dentro desta atual conjuntura nota-se uma grande mudança no comportamento e atitudes das pessoas. Educação, por exemplo, se tornou uma virtude para poucos. Há o predomínio de uma disputa competitiva dirigida contra alguém, ou seja, para que atinja seu objetivo é necessário o fracasso do outro, gerando sentimentos de antipatia, angústia, raiva e *stress* dentro de um grupo (BROTTO, 2003). Poderemos nos questionar: será que ambientes extremamente competitivos não são prejudiciais às pessoas? Quais são as nossas possibilidades?

Dentro da afirmação de Brotto, citada acima podemos constatar que tais atitudes são desnecessárias e prejudiciais para todos nós e que fora a competição deve existir um outro caminho a ser seguido. Constatamos que existem pelo menos dois tipos de situações. Uma caracterizada por atitudes competitivas e outra por atitudes cooperativas. Consideramos que a sociedade tenha escolhido a competição como forma de se relacionar. O que demonstra um verdadeiro equívoco, pois assim o sucesso de um poderá depender do fracasso de outros.

A competição exacerbada tem apresentado características que, determinados estudos como os de Orlick (1989), a coloca como relação desumanizadora, tais como a falta de interesse para com o sofrimento do outro, a crueldade, a brutalidade e a desconsideração geral para com os valores humanos.

Para Orlick (1989), a cooperação cria a chamada relação humanizadora sendo totalmente contrário à competição, gerando atitudes de bondade, consideração, compaixão, compreensão, amizade, amor, companheirismo, etc.

Diante desse preocupante cenário, é imprescindível que iniciemos uma profunda reflexão em nossas relações. Incluindo o repensar da educação, refletirmos se estamos agindo inconscientes.

Tendo entendido o contexto social no qual estamos inseridos, daremos continuidade em nosso trabalho abordando com maior propriedade a questão da competição e cooperação tendo como base a visão e os trabalhos de autores como Brotto (2001), Brown (2004) e Orlick (1989). Porém, essa prévia já nos coloca numa nova perspectiva a ser encarada, ou seja, uma nova forma de encararmos a realidade que se chama Jogos Cooperativos.

2 - Os Mitos que permeiam a competição e a cooperação

Segundo a própria Bíblia temos o livre arbítrio para escolha, assim como temos a possibilidade de escolha entre cooperação e competição. Para Brotto (2001), muitas das opções que temos feito para jogar têm suas raízes no mito da natureza competitiva do homem. Existe atualmente um conjunto de evidências, como as apontadas por Orlick (1989), no qual as espécies sobrevivem pelo aperfeiçoamento de sua cooperação mútua, que nos levam a crer que o lema básico da natureza é a cooperação e não a competição, por mais que escutemos afirmações como: “mas o mundo já nasceu assim”, “é o princípio da seleção natural no qual sobrevivem os mais aptos”.

Sendo assim, existem algumas definições sobre a competição que foram mal interpretadas e divulgadas durante várias décadas e que certamente contribuíram para esse caminho.

Para Brotto (2003), a maioria das pessoas diz que o melhor está na sobrevivência do mais forte e mais apto a vencer, afirmando ainda que, para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social e não na competição. Por exemplo, no caso dos espermatozoides quando nadaram em busca do óvulo. Na verdade, todos

nadaram e participaram do processo, um ajudou o outro, pois todos nadaram juntos.

O ambiente de cooperação melhora as condições de sobrevivência. Porque são nossas competências sendo aprimoradas e não as da competição como apontada por todos. Charles Darwin afirmou claramente o contrário, porém foi mal interpretado durante várias décadas, e ainda o é. Como podemos avaliar, várias pessoas utilizaram a palavra sobrevivência como forma de promover sempre o melhor capacitado por meio de uma competição, da qual somente um ganha e não na forma como deveria ser, ou seja, de compartilhar o papel de cada um numa unidade inter-relacionada. Verificamos que o uso da palavra sobrevivência foi utilizado de forma exclusiva e não inclusiva como numa unidade inter-relacionada. Outra polêmica é do francês Pierre de Coubertin (idealizador da nova era olímpica), quando afirma que: “o mais importante não é vencer, mas tornar parte” e outras como: “importante na vida não é triunfar, mas esforçar-se”, “o essencial não é ter conquistado, mas ter lutado”.

O esporte tem sua glorificação máxima em períodos de Olimpíada, cujo ideal é unificar a paz e a união entre os povos do mundo. Como sabemos, porém, a cada ano que passa tornou-se uma mera máquina de tecnologia em que os atletas são treinados para ganhar a qualquer custo, esquecendo o símbolo que ela representa, que é universalizar culturas e raças para gerarem um momento de confraternização pacífico, direcionado para uma conquista com dignidade ou respeito. O próprio Big Brother Brasil que é um verdadeiro sucesso de *Reality Show*, será que não permeia a cooperação? Ao assisti-lo a imagem que é passada é de uma competição exacerbada onde só o primeiro colocado ganha e é merecedor de R\$ 1.000.000,00 e não todos que participaram do processo. Até que se chegue ao vencedor, paredões e mais paredões são necessários, fingir comportamentos são necessários afinal lá os fins justificam os meios: poder, prestígio, glória, fama, etc. Mas, realmente se formos a fundo veremos que o Big Brother foi inventado por psicólogos, os quais tiveram um experimento na Itália e nos Estados Unidos em que faziam testes de cooperação e solidariedade. Ficavam na casa com um mínimo de recursos tentando com isso produzir um cotidiano razoável. Detalhe: todos eram desconhecidos e ficavam por lá num período de 20 dias.

Então, o impulso natural do grupo era o da cooperação e qualquer atitude de individualismo era mal-visto pelo grupo. Logo o “verdadeiro” Big Brother era o da Cooperação e não o da Competição. Mais um exemplo de má interpretação em nossa história. Mas apesar de tudo, muitos estudos são realizados em diversas áreas e dentre eles podemos citar na área da Biologia, dizendo que os organismos vivos são exclusivamente cooperativos, caracterizados pela interdependência, coexistência e a cooperação mútua entre grupos. Para Orlick (1989), se a natureza do homem não é a competição e sim a cooperação,

porque temos ouvido em nossa sociedade frases como: “o importante é competir” ou “o que importa é vencer?”.

Há estudos que explicam esse tipo de atitude, como o da antropóloga Margareth Mead citada por Brotto (2003), dizendo que é a estrutura social que determina se os membros de uma determinada sociedade irão competir ou cooperar entre si. Ela cita também que algumas culturas, como a dos índios Zuni e os Bathongas na África do Sul, não utilizam a competição em seu sistema econômico, educacional ou recreativo, mas por outro lado há povos que adotam a competição exacerbada como forma de vida dominante.

Ao contrário de ser uma característica própria inerente ao homem, a competição assim como a cooperação é um valor cultural aprendido (Orlick, 1989). No entanto, nossa sociedade e nosso sistema educacional insistem em perpetuar uma ética competitiva como se fosse a única alternativa, ou seja, nos acostumamos tanto com a idéia de competição como parte de nossa natureza que esquecemos que temos um outro caminho pouquíssimo abordado no sistema educacional, econômico e recreativo que é a cooperação.

Temos que deixar os mitos e ritos de lado e partir para outra face da vida do mundo em busca de novas descobertas embasadas no senso científico e não somente no senso comum como são os mitos. Devemos deixar que os Jogos Cooperativos invadam nossas vidas, pois segundo os estudos de Brotto (2002), eles podem ser considerados como uma das melhores maneiras de desenvolver aspectos positivos na nossa maneira de atuar e jogar, reduzindo as conseqüências negativas da competição agravadas por falsos conceitos da sociedade embasados pelo senso comum, ou seja, os falsos mitos existentes.

3 - Definições e Conceitos

Por mais que conheçamos sobre esses dois aspectos da interação social, competição e cooperação, é necessário, antes de mais nada, uma pequena definição de cada uma delas, abordando seus conceitos e suas características.

Quando se trata de definições ou significado das palavras, um instrumento se torna indispensável devido a sua ampla divulgação e fácil acesso que é o dicionário.

Competição: “(Do lat. *Competitione*.) S. f. 1. Ato ou efeito de competir. 2. Busca simultânea, por dois ou mais indivíduos, de uma vantagem, uma vitória, um prêmio, etc. 3. Luta, desafio, disputa, rivalidade. 4.

Biol. Ger. Luta dos seres vivos pela sobrevivência, especialmente quando são escassos os elementos necessários à vida entre os componentes de uma comunidade” (FERREIRA, 1995, p. 440).

Cooperação: “(Do lat. Cooperatione) S. f. Ato ou efeito de cooperar “(Do lat. Cooperare, por cooperari) V. t. i. 1. Operar ou obrar simultaneamente; trabalhar em comum; colaborar: cooperar para o bem público; cooperar e trabalhos de equipe. Int. 2. Ajudar, auxiliar; colaborar” (FERREIRA, 1995, p. 472).

Tendo como base as definições acima chegamos a seguinte interpretação: competindo buscamos realizar a tarefa sozinho, não se preocupando com o outro, pois somos considerados adversários, gerando tensão, medo, raiva, solidão. E cooperando procuramos trabalhar em grupo, somos considerados parceiros. Num esforço coletivo, estamos dispostos a colaborar em prol de algo em comum.

Para Brotto (2003) cooperação é um processo em que os objetivos são comuns e as ações são benéficas para todos e competição é um processo onde os objetivos são comuns, mutuamente exclusivos e as ações são benéficas somente para alguns. Neste sentido, constatamos que a cooperação e competição são processos distintos, porém não muito distantes. As fronteiras entre eles são pequenas. Permitindo um certo intercâmbio de características de maneira que podemos encontrar em algumas ocasiões uma competição cooperativa e noutras cooperação competitiva.

Segundo Orlick (1989) a principal diferença entre cooperação e competição é que na cooperação todos participam e ganham, eliminando-se o medo do fracasso, aumentando a auto-estima e a confiança em si mesmo. Ao passo que na competição, a valorização e o reforço são deixados ao acaso ou concedidos apenas ao vencedor, gerando frustração, medo, insegurança e tensão.

Partindo das diferenças entre cooperar e competir, veremos a seguir alguns tipos de padrões de atitudes de percepção/ ação que vivenciamos no dia-adia apontada por (BROTTO, 2003).

TABELA 1 – Tabela de padrões percepção-ação

Percepção/ação	Omissão (individualismo)	Cooperação (encontro)	Competição (confronto)
Visão do jogo	Insuficiência Impossível	Suficiência Possível	Escassez exclusão

Objetivo	Ganhar sozinho	Ganhar junto	Ganhar do outro
O outro	Quem?	Amigo	Inimigo
Relação	Cada um na sua	Parceria e confiança	Desconfiança e rivalidade
Ação	Jogar sozinho Ser jogado	Jogar com Troca e criatividade	Jogar contra Rendimento
Clima do jogo	Monótono	Leve e ativo	Tenso e pesado
Resultado	Individualismo	Compartilhamento	Vitória
Conseqüência	Alienação e indiferença	Sucesso compartilhado	Acabar logo o jogo
Motivação	Isolamento	Amor	Medo
Sentimentos	Solidão e opressão	Alegria e satisfação	Insegurança e frustração
Símbolo	Muralha	Ponte	Obstáculo

(BROTTO, 2003, p. 54).

Sabemos que temos várias maneiras de ver o jogo e essa relação entre visão e ação determinará a nossa maneira de jogar. De acordo com Mount Aleu citado por Brotto (2003), uma visão sem uma tarefa é apenas um sonho, uma tarefa sem uma visão é somente um trabalho árduo, mas uma visão com uma tarefa pode mudar o mundo.

Entendo que se ficarmos imaginando sem colocar em prática ficaremos somente no sonho, imaginar e não realizar é apenas um sonho. Colocando somente em prática a ideia sem visão será somente um trabalho árduo sem direção, trabalhar sem direção é desperdício de energia, mas uma visão sendo prática poderá render belos frutos. Deixamos de fazer boas colheitas por não saber direcionar nossas forças: a visão é como vemos o jogo (teoria) e a ação (prática) como jogamos esse jogo. A intenção desta pelo que notamos na tabela acima, toda e qualquer experiência humana tem diferentes possibilidades para perceber e optar por alternativas que propiciam viver uma mesma situação. Com base nessa reflexão, podemos despertar e aperfeiçoar o exercício para a própria escolha, entre o competir e o cooperar, mas com responsabilidade e liberdade. Como já dissemos temos sempre o livre arbítrio de escolha e não podemos abrir mão do nosso direito de escolha.

O jogo dos autógrafos é um exemplo. Nele temos metas comuns a serem realizadas. Precisamos coletar, sem repetição, o maior número de assinaturas em pouco tempo. Devemos propor uma solução. E para nos auxiliar, entra a tabela de percepção-ação dentro do contexto abordado.

Outro jogo semelhante aprendido durante a pós-graduação em Jogos Cooperativos¹ foi o jogo dos punhos. Onde o objetivo era analisar nossas ações e atitudes a partir da própria percepção. Nesses jogos há fatores como individualismo, desconfiança, competição, ou pressa que dificultam a análise. Ao mesmo tempo, existem outros como solidariedade, confiança, paciência ou respeito-mútuo que favorecem a boa interpretação.

No campo da psicologia social, Zajonc (In Brotto, 2003), define uma atitude é cooperativa quando o que Indivíduo A faz é simultaneamente benéfico para A e para indivíduo B, e o que indivíduo B faz é simultaneamente benéfico para ambos. Em contrapartida, uma atitude é competitiva quando o indivíduo A faz em seu próprio benefício, mas em detrimento do indivíduo B e quando B faz em se benefício, mas em detrimento de A.

Num primeiro momento ou estamos competindo ou estamos cooperando, não havendo possibilidade para as duas coisas, mas veremos que isso é apenas uma análise parcial do assunto. Brotto (2001) e Orlick (1989), nos ensinam que temos diversas formas de interagir entre o competir e o cooperar. Ambas tendo a possibilidade de integração, para serem vividas isoladamente ou em perfeita sintonia, verdadeiramente interrelacionadas surgindo novas possibilidades. A cooperação e a competição possibilitam duas situações: a cooperativa e a competitiva. Segundo Brotto (2003), a situação cooperativa é aquela em que os indivíduos são de tal ordem que, para que o objetivo de um deles seja alcançado todos os demais integrantes deverão igualmente alcançar os seus objetivos enquanto a competitiva para que um dos membros alcance os seus objetivos, os outros serão incapazes de atingir os deles, assim devemos refletir sobre qual a melhor maneira de se jogar.

A Tabela abaixo ilustrará nas pessoas uma boa comparação das situações desenvolvidas nas atividades cooperativas e nas atividades competitivas apontadas por (BROTTO, 2003).

TABELA 2 – Tabela Comparativa de Situação Cooperativa e Competitiva

Situação Cooperativa	Situação Competitiva

¹ Curso de Pós Graduação Jogos Cooperativos ministrado pelo Centro Universitário Monte Serrat - UNIMONTE Av Senador Feijó, 432 Térreo Santos – SP. Informações através do telefone Fone/ Fax:

(13) 3235-6510 ou site www.unimonte.br.

Percebem que o atingimento de seus objetivos é em parte, consequência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingimento de seus objetivos é incompatível, com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com frequência.	Ajudam-se mutuamente com menor frequência.
Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor.
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividades é menor.

(BROTTO, 2003, p. 45).

Analisando o quadro acima fica evidente que o envolvimento através da cooperação é muito mais explícito do que nas atividades competitivas. Percebemos que podemos nos desenvolver mais naturalmente numa situação cooperativa. Este envolvimento não se apresenta apenas nos alunos mais habilidosos, mas sim em todo o grupo participante.

A conquista dos desafios através de ações coletivas desenvolve nos alunos sentimentos de pertencer a um grupo. A valorização da ação de cada indivíduo em prol de um resultado coletivo. Essa valorização e encorajamento também aparecem na relação de empatia. Fazendo com que as pessoas se ajudem com maior frequência. Aprendendo a lidarem com as diferenças. Como o assunto é bastante amplo e possibilita estudos em diversas áreas, devemos estar em constante estudo, reflexão e discussão para ampliar nossa

compreensão sobre a competição e cooperação, para que possamos oferecer diferentes possibilidades aos nossos educandos.

4 - JOGOS COOPERATIVOS

4.1 - Origem e Evolução

Os Jogos Cooperativos visam o desenvolvimento não só das habilidades motoras, mas principalmente das habilidades humanas como respeito, ética, solidariedade, cooperação etc. Segundo Brotto (2003), os Jogos Cooperativos surgiram da preocupação com a excessiva valorização que a sociedade atribui à competição. Considerada um valor natural normal da sociedade humana a competição se transfere para o nosso “JOGO DA VIDA”. Temos competido em lugares, com pessoas, em momentos que não deveríamos, como se essa fosse a única opção.

Os Jogos Cooperativos não são algo novo, pois segundo Orlick (1982 e 1989), nasceram há milhares de anos, quando membros das comunidades tribais se reuniam para celebrar a vida em volta de uma fogueira. Barreto (2000), considera que os Jogos Cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar a consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais e, em segundo lugar, promover efetivamente a cooperação entre as pessoas, na exata medida em que os jogos são, eles próprios, experiências cooperativas. Certamente os Jogos Cooperativos sempre existiram e irão existir. Dentre os principais estudiosos e precursores dos Jogos Cooperativos citados pelo próprio Orlick (1989), que merecem nosso destaque, estão: Ted Lentz, Terry Orlick, Guilherme Brown e Fábio Otuzi Brotto. Então vamos conhecer um pouco deles: Por exemplo, podemos considerar Lentz (In Brotto 2003, pág. 47) como um dos pioneiros na utilização dos Jogos Cooperativos nos Estados Unidos, pois, como atuante ativista para a criação de uma cultura de paz, executou inúmeras pesquisas na década de 1950.

Para Brotto (2001), um dos maiores estudiosos do tema é, sem dúvida, Terry Orlick, da Universidade de Ottawa no Canadá. Ele pesquisou a relação entre jogo e sociedade. Publicou, em 1978, o livro intitulado *Winning Through Cooperation*, que no Brasil se chamou *Vencendo a Competição* e serviu de inspiração para muitas pesquisas sobre o tema. Orlick também

introduziu os Jogos Cooperativos na Educação com seu trabalho na Educação Infantil do Canadá.

Outro expoente sobre o assunto citado por Brotto (2002) é Guillermo Brown, pois como educador popular na Venezuela que realizou vivências utilizando o jogo cooperativo. Sua principal obra é o livro chamado *Jogos Cooperativos – Teoria e Prática* onde descreve/ propõe o seu trabalho como educador popular e explica como utilizar os jogos na educação.

No Brasil, o grande pioneiro é o professor Fábio Otuzi Brotto, que introduziu os Jogos Cooperativos por aqui e publicou um livro que é um marco na história dos Jogos Cooperativos: *Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*.

Segundo Amaral (2004), Brotto é, com certeza, referência para qualquer trabalho sobre Jogos Cooperativos. Ele criou, em parceria com Gisela Sartori Franco, o Projeto Cooperação, uma comunidade de serviços dedicada à difusão dos Jogos Cooperativos e da ética da cooperação, através de oficinas, palestras, eventos, publicações e produção de materiais didáticos, tendo coordenado até um curso de Pós-Graduação em Jogos Cooperativos, em Santos. Assim, com o passar do tempo vem desencadeando uma geração de pessoas mais críticas e cooperativas.

4.2 - Conceito e Características

Os Jogos Cooperativos despertam para o envolvimento total do ser humano gerando muitas vezes vários sentimentos. Segundo Deacove (1974), os Jogos Cooperativos são jogos com uma estrutura alternativa onde os participantes “jogam uns com os outros, ao invés de uns contra os outros”.

Para Brotto (2003), os Jogos Cooperativos também são atividades alternativas ao mundo competitivo, em que seus objetivos possuem um caráter de solidariedade e não de exclusão. As metas e os resultados são estimulados através de desafios e os mesmos devem ser alcançados de maneira coletiva, oportunizando a satisfação de todos. O principal foco dos Jogos Cooperativos é a participação de todos em prol de um objetivo comum.

Os Jogos Cooperativos têm como meta procurar ensinar e aprender. Rever nossas experiências e mudar pensamentos, sentimentos, intenções e emoções. Para que reconheçamos e valorizemos nosso propósito de jogar e respeitar o dos outros, em seus diferentes modos de ser. E mais, descobrir que jogando com os outros podemos buscar o crescimento em vários níveis.

Segundo Brotto (2003), os Jogos Cooperativos têm a intenção de compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para correr riscos sem a pouca preocupação com o fracasso e sucesso em si mesmo. Eles reforçam a confiança em si mesmo e nos outros e todos podem participar autenticamente, onde ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo. Os Jogos Cooperativos são uma forma de integrar os valores humanos e a convivência dos indivíduos no desenvolvimento de uma aprendizagem, de forma a jogar uns com os outros ao invés de uns contra os outros.

Após a reflexão de alguns conceitos e características sobre os Jogos Cooperativos e no intuito de aprofundar nosso conhecimento sobre o assunto podemos citar o pesquisador Z. J. Walker (in Brotto, 2001), que após observar crianças realizando jogos cooperativos e competitivos em ambiente escolar, compara as duas atividades e as resume de forma objetiva conforme a tabela abaixo:

TABELA 3 – Tabela Comparativa de Jogos Cooperativos e Competitivos

Jogos Competitivos	Jogos Cooperativos
São divertidos apenas para alguns	São divertidos para todos
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota.	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória.
Alguns jogadores são excluídos por sua falta de habilidade.	Todos se envolvem independentemente de sua habilidade.
Aprende-se a ser desconfiado, egoísta ou se sentir melindrado com os outros.	Aprende-se a compartilhar e a confiar.
Divisão por categorias: meninos X meninas, criando barreiras entre as pessoas e justificando as diferenças como uma forma de exclusão.	Há mistura de grupos que brincam juntos criando alto nível de aceitação mútua.
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores.	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por um período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades.
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de “ruim” acontece aos outros.	Aprende-se a solidarizar com os sentimentos dos outros e desejam também o seu sucesso.

Os jogadores são desunidos.	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade.
Os jogadores perdem a confiança em si mesmos quando eles são rejeitados ou quando perdem.	Desenvolvem a autoconfiança porque todos são bem aceitos.
Pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face a dificuldades.	A habilidade de perseverar face as dificuldades é fortalecida.
Poucos se tornam bem sucedidos.	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver.

(WALKER, 1987, p. 83).

O esforço em caracterizar comparativamente Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos, não tem a intenção de opor uma ao outro. Ao contrário, essa dedicação visa, primeiramente, ampliar nossa percepção sobre as dimensões que o Jogo e o Esporte nos oferecem como campo de vivência humana. E, em segundo lugar, pretende indicar que nos Jogos e Esportes, bem como na Vida, existem alternativas para jogar além das formas de competição usualmente sugeridas como única ou a melhor maneira de jogar e viver (BROTTO, 2001, p. 56).

Entendemos que todas as atividades humanas, entre elas o jogo e o esporte, apresentam vasto leque de opções, possibilidades e interesses a serem escolhidas diferentes da conhecida competição. Após conhecermos os conceitos e características dos Jogos Cooperativos e Competitivos podemos dizer que nos encontramos não só com o Jogo e o Esporte, mas num campo bem vasto, pois por trás das características desses jogos encontramos a percepção de um mundo melhor e do papel que nele representamos.

Essa tomada de decisão e a consciência entre o cooperar e o competir é um processo que precisa ser respeitado e compreendido. Cada qual possui seu ritmo individual e de qualquer forma sabemos que não é fácil adequar a herança competitiva a novos valores, ou seja, um novo jeito de ser e viver em sociedade que são os Jogos Cooperativos.

4.3 - Categoria dos Jogos Cooperativos

Segundo Orlick (1989), os Jogos Cooperativos são divididos em quatro categorias distintas: Jogos Cooperativos sem perdedores: Nesta primeira categoria todos os participantes formam um único grande time. Podemos dizer que são jogos plenamente cooperativos.

A) Jogos de Resultado Coletivo: Os Jogos de resultado coletivo para Orlick (1989), permitem a existência de duas ou mais equipes. Havendo uma grande predominância da cooperação dentro de cada equipe, e entre as equipes também. A principal motivação é realizar metas comuns.

B) Jogos de Inversão: Os Jogos de Inversão enfatizam a noção de interdependência, por meio da aproximação e troca de jogadores que começam em times diferentes. Os Jogos de Inversão se dividem em quatro tipos:

- Rodízio: Os jogadores mudam de lado de acordo com situações pré-estabelecidas, como, por exemplo: depois de sacar (voleibol); após a cobrança de escanteio (futebol, handebol); assim que arremessar um lance livre (basquete).
- Inversão do goleador: O jogador que marca o ponto passa para o outro time.
- Inversão do placar: O ponto conseguido é marcado para o outro time.
- Inversão total: Tanto o jogador que fez o ponto, como o ponto conseguido, passam para o outro time.

D) Jogos Semi-cooperativos: Esse tipo de jogo de acordo com Orlick (1989), é indicado para um início de trabalho com os Jogos Cooperativos, especialmente com adolescentes, num contexto de aprendizagem esportiva, pois há uma restrição por parte dos alunos em se querer jogar logo de início de forma cooperativa, há a necessidade de mesclar entre competição e cooperação para posteriormente aplicar um Jogo Cooperativo sem perdedores.

Acredita-se que a divisão dos Jogos Cooperativos em categorias seja um importante processo com o propósito de gerar ambientes de aceitação recíproca e uma verdadeira integração cooperativa. Adequamos o tipo de jogo ao grupo que se propõe jogar.

Segundo Brotto (2003), existe o jogo finito e o infinito. No jogo finito o objetivo é vencer, acabar logo, pois terá um único vencedor, já o infinito caracteriza-se por sempre continuar jogando no intuito de todos vencerem desafios, sendo

benéfico para todos, pois será a participação de todos em prol de um objetivo comum, que é vencer os desafios. Adequando-se o grupo ao tipo de jogo mais conveniente, as pessoas que jogam sentem-se mais seguras e felizes.

Segundo Orlick (1989), num início de trabalho com os Jogos Cooperativos conforme comentários no tópico 2.3, o mais indicado é que se inicie com os Jogos semi-cooperativos, especialmente com o adolescente, num contexto de aprendizagem esportiva, pois a sociedade e a própria escola como vimos em capítulos anteriores sempre reforçaram a competição. Logo, recomenda-se iniciar gradativamente com uma “competição cooperativa” para logo depois evoluir para outras categorias.

Outra alternativa é trabalhar com os Jogos de Inversão, pois estes brincam com o nosso conceito tradicional de vencer e perder. Ao aplicar esses jogos devemos nos atentar às possíveis restrições. Por exemplo, o radicalismo dentro do grupo, pois uns podem aceitar esse tipo de jogo e outros não, pois esses jogos estão ligados às nossas raízes. Esses jogos nasceram do resgate de jogos e atividades praticadas por nossos ancestrais, no qual marcar um ponto representava conquistar o direito a oferecer um presente ou prêmio para os demais jogadores. Podemos encontrar algumas dificuldades para praticar essas atitudes em que a atenção dos jogadores está focada no jogo, a preocupação com o placar. Nos jogos de Inversão a importância do resultado diminui, assim como nas outras categorias os resultados são importantes, porém o vencer e perder é significativamente diminuído.

A aplicação desses jogos na Educação Física Escolar poderá ser um importante meio de mudança de valores para as crianças. Aumentando a dinâmica e a variação dos jogos abrimos novos leques para tomada de consciência. Como por exemplo, trabalhar redução da exclusão e marginalização dentro da escola. Haja visto que a escola é especialista em reforçar a competição, já que não estimula a criança a amar o aprendizado, mas sim a tirar notas cada vez mais altas. A Educação Física pode através das ferramentas dos Jogos Cooperativos valorizar as pessoas que jogam. Dentro desse contexto a manipulação e adequação dos Jogos Cooperativos em Categorias tornam-se importante.

A fim de aprofundar as possíveis relações entre a Educação Física e os Jogos Cooperativos abordaremos, a seguir, a ética em comum-unidade e no esporte para depois relacioná-la com a Educação Física.

Considerações Finais

A Educação Física não pode servir para separar. Não podemos mais compactuar com pessoas que a título de formar atletas faltam com a ética e a moral. Dividindo, separando e excluindo todos os que são diferentes em prol da competição, lembrando que esses são os que mais precisam do professor e da atividade proposta. Devemos trabalhar a formação integral do aluno. Apresentando atividades cooperativas e competitivas, mas na medida certa. Analisando o processo competitivo chegamos a duas questões importantes. A primeira envolvendo o reducionismo da vitória e derrota. A segunda é a oportunidade de utilizar os Jogos Cooperativos aproveitando o prazer de realizarmos algo junto, dentro da atividade lúdica. Por que atribuir comparações de melhor ou pior, vencedor ou perdedor, capaz ou incapaz? Quantas vezes tivemos a oportunidade de vivenciar os jogos cooperativos nas aulas de Educação Física?

Acreditamos na mescla das atividades cooperativas e competitivas no processo de ensino e aprendizagem. Contudo que o professor entenda as consequências negativas que o dualismo vitória e derrota possam acarretar o desenvolvimento do indivíduo nas aulas de Educação Física para não se tornarem experiências desagradáveis aos alunos, conforme os exemplos citados ao longo do trabalho.

Refletindo mais uma vez sobre os Jogos Cooperativos, fica claro que durante a vida, em várias situações que ultrapassam os limites da escola, tentaram nos condicionar a agir de forma competitiva. Muitos aprenderam que vencer a qualquer custo é o único modo de estar na vida. O que é um grande engano.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Jader D. **Jogos Cooperativos**. São Paulo (SP): Editora Phorte, 2004, 92 p., 1ª Edição.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Nova fronteira, 1995, 687 p., 3ª Edição.

BARATA, K.; SILVA, S.; BROTTTO, F. O. Programa de jogos cooperativos na CEPEUSP. Março/99. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd13/jogos.htm>. Acesso em: 27 out. 2006.

BARRETO, André V. de B. Jogos cooperativos: metodologia do trabalho popular. Disponível em:http://www.paulofreire.org/forum_resumo.htm. Acesso em: 01 jun. 2006.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Dissertação de Mestrado. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas - (UNICAMP) 1997.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha** – uma metáfora da condição humana. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002, 206 p., 38ª Edição.

BROTTO, Fábio O. **Jogos cooperativos**: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos (SP): Projeto Cooperação, 2003, 169 p., 7ª edição.

_____ **Jogos cooperativos**: O jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos (SP): Projeto Cooperação, 2001, 161 p., 2ª Edição.

BROWN, Guillermo. **Jogos Cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo (RS): Editora Sinodal, 1994, 105 p., 5ª Edição.

CORTEZ, Renata. **Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola**. Motriz, v.2, n.1, p.1 – 9, 1996.

DEACOVE, Jim. **Manual de Jogos Cooperativos**: Projeto Cooperação Santos (SP): Editora Renovada, 2004.

FERREIRA, Marcos S. **A competição na Educação Física Escolar**. Revista Motriz, V6, n.2, p.97–100, 2000.

FREIRE, João B. **Educação de Corpo Inteiro**: Teoria e Prática da Educação Física. 4ª edição. São Paulo (SP): Scipione, 1997.

_____ **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física.** Campinas (SP): Scipione , 1994.

GALVÃO, Zenaide. **A construção do jogo na escola.** Revista Motriz, V 2, n..2, p.117 – 120, 1996.

GOMES, Ana P; CAMARGO, Janira S. A contribuição da Educação Física frente a comportamentos agressivos: Os jogos e a Educação pré-escolar. Anais do I seminário internacional de educação. Anais. Paraná (PR), p. 89-92, 2001.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais . v. 7.** Brasília (SP): MEC/SEF, 1997.

ORLICK, Terry. **Vencendo a Competição.** São Paulo (SP): Editora Círculo do Livro, 1989, 211 p., 1ª Edição.

REIS, Helena E. **O Ensino dos Jogos Coletivos Esportivizados na Escola.** Dissertação de mestrado. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria: 1994. P 68.

SOARES, C. L. **O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

SOARES, C. L.; TAFAREL, C.N.Z.; VARAL, E.; FILHO, C. F.; ESCOBAR, M. O.; SCAGLIA, Alcides J; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato S. **Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: Questões pertinentes ao Treinamento Desportivo. Seminário Nacional de Esporte Escolar e Inclusão Social.** Anais. Brasília (DF), 2003.

SARAYDARIAN, Torkon. **A psicologia da cooperação e a consciência grupal**. São Paulo (SP): Editora Aquariana, 1990, 155 p., 1ª Edição.



AFROBETIZAÇÃO ECOÉTICA: PRÁTICAS DOCENTES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E SUSTENTÁVEL EM 2025

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS

Resumo

Este artigo discute a afrobetização ecoética como proposta pedagógica que articula educação antirracista e educação ambiental crítica, destacando sua relevância no contexto educacional de 2025. A partir de pautas elaboradas para estudos docentes, propostos por mim, como coordenadora pedagógica de uma EMEF, da zona leste da cidade de São Paulo, onde apresenta-se um conjunto de práticas pedagógicas que valorizam saberes afro-brasileiros e promovem uma ética do cuidado com a vida, a natureza e as relações humanas. O texto evidencia como a afrobetização ecoética contribui para a formação de docentes críticos, comprometidos com a justiça social e ambiental, oferecendo estratégias aplicáveis em diferentes áreas do currículo escolar.

Palavras-chave: Afrobetização ecoética; Educação antirracista; Consciência ecológica; Formação docente; Justiça socioambiental.

Abstract

This article discusses ecoethical afro-literacy as a pedagogical approach that combines anti-racist education and critical environmental education, highlighting its relevance in the educational context of 2025. Based on teaching study guidelines, it presents a set of pedagogical practices that value Afro-Brazilian knowledge and promote an ethics of care for life, nature, and human relationships. The study emphasizes how ecoethical afro-literacy contributes to the education of critical teachers committed to social and environmental justice, offering strategies applicable across different areas of the school curriculum.

Keywords: Ecoethical Afro-literacy; Anti-racist education; Ecological awareness; Teacher education; Social and environmental justice.

1. Introdução

O contexto educacional brasileiro contemporâneo impõe à escola e ao trabalho docente o desafio de desenvolver práticas pedagógicas comprometidas, simultaneamente, com o enfrentamento das desigualdades raciais e com as urgências socioambientais. Em meio às crises climáticas, à ampliação das desigualdades sociais e à persistência do racismo estrutural, pensar a educação como espaço de transformação torna-se uma exigência ética e política.

Nesse cenário, a educação antirracista e a educação ambiental crítica se consolidam como campos fundamentais para a formação de sujeitos críticos e para a construção de uma ética educativa que ultrapasse ações pontuais, descontextualizadas ou meramente comemorativas. Embora marcos legais

como as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 orientem a inserção da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, sua efetivação no cotidiano das escolas ainda encontra limites relacionados à formação docente, às condições de trabalho e à organização curricular (GOMES, 2017; MUNANGA, 2004).

Paralelamente, a crise socioambiental contemporânea evidencia que o debate ambiental não pode ser dissociado das relações sociais, raciais e territoriais. A educação ambiental crítica propõe superar abordagens conservacionistas e comportamentais, ao compreender o meio ambiente como dimensão indissociável da vida social, histórica e cultural, convocando a escola a assumir um papel formativo voltado à justiça socioambiental (LOUREIRO, 2011; CARVALHO, 2012).

É nesse entrecruzamento que emerge a afrobetização ecoética, compreendida neste trabalho como uma proposta pedagógica em construção que articula educação antirracista, letramento racial e educação ambiental crítica. Ao valorizar saberes afro-brasileiros e promover uma ética do cuidado com a vida, a natureza e as relações humanas, essa abordagem busca fortalecer o trabalho docente como prática crítica e emancipatória. Assim, este artigo tem como objetivo socializar pautas elaboradas para estudos docentes, evidenciando práticas pedagógicas que consolidam a afrobetização ecoética como horizonte formativo e curricular no contexto educacional de 2025.

2. Fundamentação teórica

A educação antirracista compreende o racismo como uma estrutura histórica e social que atravessa currículos, práticas pedagógicas e relações escolares, exigindo do trabalho docente uma atuação consciente, crítica e intencional (GOMES, 2017). Para Munanga (2004), a superação do mito da democracia racial é condição essencial para que a escola se torne um espaço de reconhecimento das identidades negras e de enfrentamento das desigualdades.

Nesse contexto, a afrobetização apresenta-se como uma ampliação crítica dos processos tradicionais de alfabetização e letramento, ao reconhecer os saberes afro-brasileiros, a ancestralidade, a memória e a identidade como elementos constitutivos do ensinar e aprender. Trata-se de um movimento pedagógico que desloca a centralidade de referências eurocentradas e fortalece práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade cultural.

A dimensão ecoética incorporada à afrobetização dialoga diretamente com os pressupostos da educação ambiental crítica, que compreende as questões ambientais como inseparáveis das dimensões sociais, políticas e culturais da vida. Loureiro (2011) afirma que uma educação ambiental comprometida com a transformação social precisa problematizar as desigualdades e os modos de produção da vida, superando abordagens naturalizantes ou moralizantes. Para Carvalho (2012), a formação do sujeito ecológico implica o reconhecimento do pertencimento, da responsabilidade coletiva e da ética do cuidado.

Convergem, ainda, para essa proposta os fundamentos da pedagogia crítica, especialmente nas contribuições de Paulo Freire e bell hooks. Freire (2021) destaca que a prática educativa é sempre um ato político, exigindo do

educador uma postura ética frente às injustiças sociais. hooks (2013) reforça a importância de uma educação comprometida com a liberdade, com a escuta e com relações pedagógicas baseadas no cuidado e na valorização da experiência.

Assim, a afrobetização ecoética se constitui como uma abordagem pedagógica que integra educação antirracista e educação ambiental crítica, orientando práticas docentes voltadas à justiça social e ambiental, ao reconhecimento das identidades e à defesa da vida em suas múltiplas dimensões.

3. Metodologia

Este artigo possui abordagem qualitativa e caráter descritivo-reflexivo. As análises apresentadas baseiam-se em pautas elaboradas para estudos docentes, construídas a partir de processos formativos que envolveram estudos teóricos, oficinas pedagógicas, análise de documentos oficiais e reflexão coletiva sobre práticas em sala de aula.

As pautas possuem caráter autoral e foram organizadas com o objetivo de subsidiar docentes interessados em implementar a afrobetização ecoética em diferentes áreas do currículo. O percurso metodológico incluiu revisão bibliográfica sobre educação antirracista, educação ambiental crítica e formação docente, bem como a sistematização de experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas em contextos escolares.

4. Resultados e discussão

A análise das pautas docentes evidencia que a afrobetização ecoética se materializa por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares, que articulam conteúdos curriculares a questões raciais, ambientais e éticas. Destacam-se, entre as estratégias propostas:

- **História e Ciências Sociais:** utilização de narrativas afro-brasileiras que relacionam resistência cultural e preservação ambiental, bem como debates sobre políticas públicas que articulam equidade racial e justiça ambiental.
- **Língua Portuguesa e Literatura:** produção de textos que abordam ancestralidade, território e ética ecológica; leitura de obras literárias que problematizam identidade, natureza e pertencimento.
- **Artes e Música:** desenvolvimento de projetos artísticos que expressam símbolos da cultura africana relacionados à terra e aos ciclos naturais, além da utilização de músicas tradicionais que celebram a natureza.
- **Ciências e Matemática:** exploração de conhecimentos tradicionais relacionados a plantas medicinais, agricultura sustentável e organização comunitária; jogos matemáticos inspirados em cosmologias africanas.
- **Práticas interdisciplinares:** pesquisas sobre comunidades quilombolas e suas práticas de manejo sustentável; oficinas de culinária afro-brasileira articuladas à discussão sobre preservação ambiental e ética do cuidado.

Essas práticas demonstram que a afrobetização ecoética não se limita à inserção de conteúdos específicos, mas se configura como uma postura

pedagógica que atravessa o currículo, o trabalho docente e as relações escolares, fortalecendo processos formativos comprometidos com a justiça social e ambiental.

5. Conclusão

A afrobetização ecoética representa um avanço significativo na construção de práticas docentes no contexto educacional de 2025. Ao integrar educação antirracista e educação ambiental crítica, essa proposta fortalece uma pedagogia comprometida com a valorização dos saberes afro-brasileiros, com a ética do cuidado e com a defesa da vida em todas as suas formas.

O fortalecimento dessa abordagem depende de políticas públicas que assegurem formação docente continuada, condições dignas de trabalho e incentivo à produção de materiais pedagógicos comprometidos com a justiça social e ambiental. Ao contribuir para esse debate, este artigo reafirma a escola como espaço de resistência, criação e esperança.

Referências

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental crítica: contribuições e desafios**. São Paulo: Cortez, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



